

# Percepções acerca da experiência extensionista com arte no IFRS<sup>1</sup>

Viviane Diehl,<sup>2</sup> Lilian Cordeiro Xavier Cordeiro,<sup>3</sup> Maria Júlia Hünning Ehlert e<sup>4</sup> Márcia Regina Becker<sup>5</sup>

## Resumo

Este artigo traz as experiências de ações extensionistas em diversos projetos na área de arte, demonstrando as potencialidades formativas do fazer estético. Através do relato de alguns participantes é possível vislumbrar a capacidade do fazer artístico em movimentar conhecimentos e afetos, intercambiando culturas e saberes de modo a reordenar e produzir novos conhecimentos. A experimentação dos materiais e o ato criativo, quando se dá em relação com o outro, ampliam a compreensão de pertencimento a um coletivo, fazendo com que a instituição se efetive de modo significativo na comunidade de seu entorno. Portanto, a arte é imprescindível no contexto extensionista, principalmente em uma instituição de formação profissional, pois contribui para a ampliação da sensibilidade, tornando-nos mais humanos e ampliando as dimensões educativas do IFRS.

**Palavras-chave:** Arte. Extensão. Comunidade.

## Introdução

A arte, como aquilo que nos proporciona experiências, reflexões e conhecimento – fatores inerentes a um campo que propõe a expressão – é capaz de promover vislumbres de potencialidades desde os lugares diversos que habitamos. Essas oportunidades são exploradas no cotidiano das ações extensionistas que temos realizado no IFRS, por meio dos projetos que trazem a arte para a centralidade na educação e na vida, especialmente nesse período em que estamos vivenciando uma pandemia mundial.

Esta escrita, portanto, pretende trazer o relato das experiências de alguns projetos de extensão<sup>6</sup> que perpassam a arte, a cerâmica, a cultura e a educação, promovendo proposições estético-pedagógicas

<sup>1</sup> Parte deste texto compõe o capítulo final do livro “Educação propositora: experiências de educadorartistas” (DIEHL, 2020).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFSM. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. E-mail: [viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br](mailto:viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br)

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela UPF. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Vacaria. E-mail: [lilian.cordeiro@vacaria.ifrs.edu.br](mailto:lilian.cordeiro@vacaria.ifrs.edu.br)

<sup>4</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Química IFRS, Campus Feliz. Bolsista PAIEX/IFRS. E-mail: [mariahunning@gmail.com](mailto:mariahunning@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestre em Educação pela UNISINOS. Assessora pedagógica na EMEF Cônego Alberto Schwade, município de Feliz. E-mail: [marciareginabecker@gmail.com](mailto:marciareginabecker@gmail.com)

<sup>6</sup> Projetos contemplados com fomento PIBEX E PAIEX, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

(DIEHL, 2020), cujas vivências teóricas e práticas, técnicas e artísticas geraram experiências criativas, inventivas e singulares, que repercutiram da prática indissociada, no IFRS, *Campus Feliz* e extensionista no *Campus Vacaria*, e passaram a habitar o contexto sociocultural.

Nesse conjunto de projetos extensionistas, a proposição estético-pedagógica, constituída como um lugar de liberdade para experimentações e reflexões, provocou a criação inventiva, a prática e a produção de fazeres e saberes com os envolvidos, como um convite a atribuírem e ampliarem significados e sentidos do vivido, no entre-lugar intercultural habitado pela arte (BHABHA, 2013). Nas oficinas, laboratórios, ateliês e exposições, a experiência aconteceu como um encontro, através da soma das vivências pessoais com as referências culturais e sociais, instigadas pela experimentação, movimentando processos sensíveis, éticos, críticos, estéticos, cooperativos, criadores e inventivos na produção de saberes (RICHTER, 2013). O caráter pedagógico se deu com o comprometimento e a liberdade para movimentar as aprendizagens significativas com os sujeitos: estudantes, docentes, colaboradores, comunidade e alunos bolsistas.

## Desenvolvimento

Nos projetos de extensão que desenvolvemos como docentes da área, a Arte tem um papel central como desencadeadora de ações interculturais que ampliam a experiência estética e contribuem para o desenvolvimento coletivo, aproximando o IFRS da sociedade, através de oficinas, exposições, eventos, cursos, formações, intervenções, palestras, publicações e tantas outras ações que dão visibilidade à Instituição.

Em 2013, aconteceu a nossa primeira ação extensionista, evento que fomentou a cerâmica artística no IFRS – *Campus Feliz*, cujo arranjo produtivo local se volta à essa produção em nível industrial. A partir desse acontecimento, desencadearam-se muitas outras propostas que têm sido ampliadas, qualificadas e desenvolvidas ao longo de oito anos, fazendo com que se constituísse um fluxo dinâmico, pois em contínuo movimento, gerando outros modos extensionistas além de parcerias intercampi com projetos dentro da área de arte<sup>7</sup>.

Uma das ações mais conhecidas é o projeto “Ceramicando”, iniciado em 2014 com a finalidade de trazer à tona os modos de ver e pensar a cerâmica artística e suas potencialidades na região do Rio Caí. O objetivo foi proporcionar aos participantes de todas as idades a aproximação com a cerâmica no espaço das escolas e para além delas, inspirando os fazeres com metodologias alternativas que produzem conhecimento (FRIGOLA, 2006), resultando em uma experiência estética singular.

Compartilhar e colocar em visibilidade a arte cerâmica é proporcionar experiências sensíveis, criadoras e relacionais, como observamos nos relatos a seguir:

Primeiro porque há o encantamento e o domínio por parte de quem ensina e em segundo lugar as crianças são instigadas a construir seus próprios processos criadores e de autoria. Este é um aspecto muito importante nesse projeto. Até hoje, todas as turmas que inscreei no projeto da professora Viviane foram instigadas pela continuação do uso de argila como matéria prima em suas criações e como algo para explorar e investigar. A cada findar de oficina as crianças já vão interrogando: “quando vamos fazer de novo profe?” Eu costumo sempre ter argila na sala porque acredito muito na continuidade. (Depoimento da professora de Educação Infantil Márcia Regina Becker, 2021)

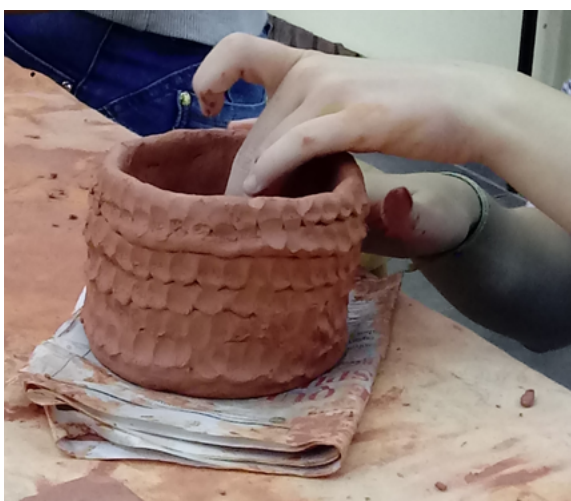
<sup>7</sup> Parceria com o projeto de extensão Artíf do Campus Ibirubá em 2015 e 2016.

“Mãe, hoje veio uma amiga sua lá na escola sabia?” [...] “Ela é uma artista, mãe”, ela disse que, que aí tu... tu trouxe um livro, que tinha um livro com um cavalo [...] E daí ela, ela disse que todos nós, ela disse... ela falou uma hora que todo mundo ia ser artista, [...]. Aí disse que tu trouxe uma caixinha com passarinho e que vocês iam fazer outro dia também, que tu ia vim e trazer a argila pra eles trabalharem, pra fazer o que quiserem. Tava faceira que só, a menininha. (Depoimento da mãe da aluna do Jardim, relatando a experiência na oficina, 2021)

A arte opera nos projetos extensionistas convocando a um diálogo com a educação no seu viés intercultural, pois, ao mesmo tempo em que movimenta subjetividades, evoca uma compreensão constituída dos saberes trazidos por cada um e os funda em conhecimento pelas relações estabelecidas no espaço do fazer em arte conjunto. As relações formativas estéticas promovem, portanto, uma perspectiva inventiva e criadora, tanto na participação de cada sujeito, quanto coletivamente, oportunizando o desenvolvimento das potencialidades dos envolvidos.

As demandas da comunidade das regiões onde executamos os projetos instigam a criação de um entre-lugar intercultural através da cerâmica e demais processos artísticos, além de movimentar o conhecimento sobre as etnias afro-brasileira e dos povos originários, respectivamente os iorubá e os guarani, presentes no Rio Grande do Sul (LA SÁLVIA; BROCHADO, 1989; MUSEU, 2018), bem como o artesanato com fios, decorrente das etnias europeias colonizadoras do nosso estado. Nesse sentido, em colaboração com os professores da comunidade, a inclusão das relações étnico-raciais, abarca conteúdos transdisciplinares, especialmente no que tange a implementação da Lei N° 11.645 (BRASIL, 2008), evidenciando de forma crítica o lugar de cada raiz étnica em nossa formação.

Em 2017, surgiu a demanda para ampliarmos as ações para além da área da cerâmica, explorando o campo da arte e suas linguagens, então, iniciamos o projeto “Artistando” para problematizar aspectos da arte, do artesanato e do design, por meio de ações que instigassem o processo de criação e produção. As propostas da arte envolveram, então, abordagens transversais, interculturais, étnicas, sustentabilidade, nas diversas oficinas como dança, desenho, *ecoprint*, customização, bordado<sup>8</sup>. Entre as



📌 **Figura 1.** Oficinas do projeto Ceramicando com a Educação Básica abordando a temática Guarani e Bichos de artista.

Fonte: acervo do projeto (2019).



📌 **Figura 2.** Oficinas do projeto Ceramicando com a Educação Básica abordando a temática Guarani e Bichos de artista.

Fonte: acervo do projeto (2021).

<sup>8</sup> O projeto mais recente “Arte, cerâmica e cultura”, na segunda edição, que surgiu durante a pandemia foi reavaliado e trouxe outros modos para ser efetivado no contexto virtual, mobilizando parcerias com uma equipe de curadores interinstitucionais para buscar o reconhecimento da produção contemporânea de arte cerâmica no sul do Brasil.



📌 **Figura 3.** Oficinas de estamparia e de bordado com a comunidade. Fonte: acervo do projeto (2019).



📌 **Figura 4.** Oficinas de estamparia e de bordado com a comunidade. Fonte: acervo do projeto (2019).

colaboradoras, Renata Arnhold, professora da Educação Básica e aluna egressa do nosso *campus*, afirma que as atividades do projeto enriquecem muito a sua aula “principalmente dentro de história e geografia, onde eu tenho desenvolvido com os alunos o estudo de várias temáticas, principalmente ligadas às questões étnicas raciais”. Para ela os projetos são fantásticos, “porque eles ilustram aquilo que eu trabalho no livro, e eles, os alunos tem a possibilidade, então, de fazer essa experiência de experimentar”.

Nessas ações de extensão, os processos se relacionam de modo cooperado e integrado, através das demandas identificadas pela comunidade e pelos estudantes bolsistas. Estes, imprescindíveis para a execução dos projetos (até o momento tivemos mais de 30 bolsistas) e, além disso, encontram espaço para desenvolver a própria criatividade, a sensibilidade e a integração com a comunidade para uma formação integral, que terá reflexos pessoais e profissionais.

Eu, Maria Julia, conheci a extensão quando fazia o ensino médio no IFRS - *Campus* Feliz, no ano de 2016, eu era muito jovem ainda, conhecia pouco do que o IFRS tinha para oferecer, pois eu estava apenas no segundo ano do ensino médio integrado, cursava Técnico em Química, quando tive a oportunidade de poder fazer parte como bolsista de um projeto extensionista. Confesso que não fazia ideia do que era isso, mas aos poucos eu fui compreendendo o importantíssimo papel que os projetos de extensão tem nas comunidades onde atuam e não menos importante, para os estudantes bolsistas. Não tenho como mensurar tamanho aprendizado, vínculos de amizade e companheirismo foram criados com outros bolsistas e com a coordenadora dos projetos Viviane, conheci lugares incríveis como a cidade de Osório no Rio Grande do Sul; Natal, no Rio Grande do Norte; Florianópolis, em Santa Catarina apresentando o projeto em eventos (Figura 5), conversei com milhares de pessoas que queriam conhecer a arte que havíamos produzido em comunidade, porque a minha participação não ficou somente em um projeto foram quatro anos, como bolsista e voluntária, centenas de horas dedicadas a oficinas, apresentações de trabalho e exposições. Terminei o ensino médio e ingressei na graduação, no mesmo IFRS que me proporcionou conhecer pessoas, trabalhar com a comunidade e me fez perceber a partir das oficinas com jovens e adolescente de escolas da região, que era essa a profissão que eu queria, mas agora como professora, escolhi ser professora de química, porque nestes anos de bolsista aprendi que a química e arte somam juntas um conhecimento plural e significativo, o qual tive a oportunidade de contribuir, auxiliando nos processos onde a química se fazia necessária. Ser bolsista de extensão é uma experiência incrível, foi de extrema importância para

a minha formação, como aluna, pois aprendi a escrever utilizando o padrão acadêmico, como me comunicar em uma apresentação de trabalho, fora todas as questões de responsabilidade, leitura e construção coletiva do conhecimento, e o mais importante, explicar onde a química estava nesse processo e como ser humano, que se preocupa com as necessidades do outro, da comunidade, do lugar em que vive e que está disposto a trabalhar para emancipar realidades utilizando, no meu caso, da cultura, da arte e da química aplicadas na extensão para realizar tais feitos. (Depoimento, 2021)

## Conclusão

Sendo assim, o contexto indissociado das ações extensionistas habitado pela arte proporciona singularidades de sentir, pensar e fazer, em um movimento de interações perceptivas, experimentais, criativas e participativas, para desaprender as obviedades institucionalizadas e provocar reflexões acerca das responsabilidades educativas e sociais que devemos assumir como propositores das ações. Além disso, mobilizar aproximações entre arte e cultura produz experiências estético-educativas e contribui para o desenvolvimento coletivo de forma ampliada, em uma aproximação com as diretrizes da nossa instituição e com a formação cidadã para o mundo do trabalho.



↑ **Figura 5.** Maria Julia à direita e Luana Gobatto, bolsistas do Projeto extensionista Artistando, apresentando trabalho na 9ª MOEXP do IFRS - Campus Osório **Fonte:** acervo do projeto (2019).

## Referências

- BHABHA, H. (2013). **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG
- DIEHL, Viviane. **Educação propositora: experiências de educadorartistas**. Curitiba: CRV, 2020, v.1. p.112. Ebook: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/224>.
- FRIGOLA, D. R. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Estampa, 2006.
- BRASIL, (2008). Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em 03 mar. 2016.
- LA SÁLVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- MUSEU** de percurso do negro em Porto Alegre. Disponível em: <<http://museudepercursodonegroem-portoalegre.blogspot.com.br/>>. Acesso em 28 fev. 2018.
- RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.